

1. PALESTRAS INTRODUTÓRIAS SOBRE SAFs E DEGRADAÇÃO

Degradação de Recursos Naturais na Amazônia: Implicações para Utilização de Sistemas Agroflorestais

Philip Fearside. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Manaus, Brasil

A taxa de desmatamento anual na Amazônia vem crescendo de forma descontrolada. Segundo dados de desmatamentos do INPE, as variações anuais estão mais relacionadas com a recessão econômica e investimentos em áreas desmatadas do que ao quadro de agroflorestas. Outra questão é o tamanho da área desmatada por ano, uma área igual a Bélgica. A construção da rodovia Belém-Cuiabá para a exportação de soja também vem contribuindo muito para o aumento do desmatamento, sem contar que nestas áreas se encontram muitos grupos indígenas. Uma das alternativas para minimizar esta situação seria prevenir a eliminação da vegetação próxima à rodovia: tal retirada deverá ser restrita ao máximo e deve ser feita apenas em local realmente necessário. Em relação ao desmatamento são necessárias medidas de maior alcance do que a atividade normal do DNIT, assim será necessário que outras agências do governo juntem seus esforços ao Ministério dos Transportes e realizem estudos para definir um melhor uso do solo nas áreas próximas às rodovias, levando em consideração o Zoneamento Socioeconômico e as recomendações da Embrapa para sistemas alternativos de uso da terra que ajudem a conter o desmatamento, como por exemplo implantações de SAFs. Também a participação do IBAMA seria importante. Os corredores ecológicos entre as manchas de florestas garantiriam a manutenção da biodiversidade. As áreas livres de febre aftosa estimularam o crescimento da produção de carne bovina, e com isso expandiram-se as áreas com pastagem.

A Degradação Política, Social, Humana e Econômica da Amazônia

Lúcio Flávio Pinto. Jornalista. Belém, Brasil

Na Amazônia sempre existiu uma dificuldade de se controlar a ação humana. Ao longo da sua história, o que se vê é a degradação da capacidade e da vontade de a região ser um personagem da sua própria história. A Amazônia é uma região colonial e a visão dos seus personagens, ou melhor, do colonizado, ainda é a visão imposta pelo colonizador. Dentre as distorções para com a Amazônia, têm-se duas visões: a da Amazônia clássica que seria a Hiléia, e a Amazônia Legal, de 1953, que foi a Bíblia da SUDAM. Na Amazônia, a lógica é a da irracionalidade: grande parte do seu processo de ocupação e tentativas de produção são irracionais, mesmo quando existe conexão com o mercado, que necessita do produto obtido. Tornou-se comum a utilização de instrumentos ilícitos de lavagem de dinheiro ilegal, um canal de vazamento de riqueza, embora menos poderoso do que o circuito normal de comercialização, através do qual têm sido estabelecidas relações de trocas desfavoráveis à região. O melhor de todos os diagnósticos sobre a Amazônia ainda é o do paulista Euclides da Cunha, há um século. Ele considerava o homem como um intruso na Amazônia. E dizia que o seringueiro, protótipo do trabalhador amazônico, é o único que, quanto mais trabalha, mais se escraviza, porque está preso aos preços fixados pelo seringalista, dono do "barracão", que compra sua produção de borracha, a preço vil, e vende-lhe mercadorias a preços superfaturados. A Amazônia, nessa relação de compra e venda, é um imenso seringueiro. Para o Brasil, a Amazônia é um desconhecido porque foi a última região que aderiu ao Império, é o Brasil tardio, que, até 1835, Portugal pilhava. Mas durante a revolta popular da Cabanagem, em que o povo decidiu quebrar os vínculos com Portugal, a capital do Império, o Rio de Janeiro, viu a revolta como uma tentativa de separação do Brasil e autorizou a Inglaterra a invadir o Grão-Pará, embora não assumindo nenhuma responsabilidade por isso, tendo ficado claramente demonstrado que o governo brasileiro estava disposto a abrir mão da Amazônia. Porém, para a Inglaterra era mais rentável explorar a Amazônia sob um governo nacional. No histórico do processo evolutivo da humanidade, o desmatamento sempre esteve presente, e no Brasil não foi diferente. Destruiu-se até a origem etimológica do país: o pau-brasil. O saber estabelecido de fora não aceita que o importante é a floresta. E apesar da importância vital da vegetação original, somos desmatadores destruindo a maior floresta tropical do mundo, a maior fonte de biodiversidade do planeta. Não existe na história da humanidade nenhum povo que desmatou tanto. No Pará, continuamos com a lógica da irracionalidade, instalando usinas de ferro gusa ao longo da ferrovia de Carajás. A área de reflorestamento que existe ao longo da ferrovia de Carajás, entre o Pará e o Maranhão, na qual já estão instaladas 12 guseiras e devem surgir logo mais cinco, não é suficiente